

EDUCAÇÃO

V.8 • N.2 • Março - 2020

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n2p271-284



LER É UM ATO POLÍTICO: MULTILETRAMENTOS EM CONTEXTO DE CENSURA LITERÁRIA

LEER ES UN ACTO POLÍTICO:
MULTIALITERACIDAD EN CONTEXTO DEL CENSOR LITERARIO

READING IS A POLITICAL ACT:
MULTILITERACIES IN CONTEXT OF LITERARY CENSORSHIP

Luciana Velloso¹

DOSSIÊ:

“CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CIBERCULTURA: MODOS DE CONHECER, PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E REDES EDUCATIVAS”

RESUMO

O presente texto analisa o papel dos *memes* como potência crítica de oposição às ações do atual prefeito da cidade do Rio de Janeiro durante a Bienal do Livro de 2019 e aos defensores de movimentos conservadores em relação à leitura e ao contexto social mais amplo. Foram movimentos de censura a livros considerados inapropriados para público infantojuvenil por trazerem consigo questões que pudessem estar vinculadas a debates sobre gênero e sexualidade. No que tange aos movimentos que considero conservadores e retrógrados em termos de conquistas no campo social e educacional, tomo o exemplo do Projeto Escola sem Partido (ESP) como uma dessas ações que recebem apoio de diversos setores sociais e, dentre outras pautas, já trazem consigo a interdição de tais discussões nos espaços educacionais. Baseada nas discussões, entendendo que o movimento #CrivellaCorreAqui e toda a produção imagética que o envolveu são emblemáticos quando se pensa nas reações dos internautas e como as redes digitais e a possibilidade dos multiletramentos possibilitam criações as mais diversas em contraponto a ações reacionárias, comprovando que, por mais censurados que sejam os temas, se não puderem entrar nas escolas para ser discutidos, eles entram pela janela ou pelas telas de nossos celulares.

PALAVRAS-CHAVE

Multiletramentos. Censura Literária. Escola sem Partido. Gênero e Sexualidade. *Memés* e Educação.

ABSTRACT

This paper analyzes the role of memes as a critical power of opposition to the actions of the current Mayor of the city of Rio de Janeiro during the 2019 Book Biennial and to the advocates of conservative movements in relation to reading and the wider social context. They were censorship movements to books considered inappropriate for children and adolescents, for bringing with them questions that could be linked to debates about gender and sexuality. Regarding the movements that I consider conservative and backward in terms of achievements in the social and educational field, I take the example of the Project School without Party (EsP) as one of these actions that receive support from various social sectors and, among other issues, already bring with me the ban on such discussions in educational spaces. From the discussions, I understand that the movement #CrivellaCorreAqui and all the imagery production that involved it is emblematic when thinking about the reactions of netizens and how digital networks and the possibility of multi-movements enable creations of the most diverse as opposed to reactionary actions, proving that no matter how censored the subjects are, if they can't get into the schools for discussion, they come in through the windows or screens of our cell phones.

KEYWORDS

Multiliteracies. Literary Censorship. School without Party. Gender and Sexuality. Memes and Education.

RESUMEN

Este artículo analiza el papel de los memes como un poder crítico de oposición a las acciones del actual alcalde de la ciudad de Río de Janeiro durante la Bienal del Libro de 2019 y a los defensores de los movimientos conservadores en relación con la lectura y el contexto social más amplio. Eran movimientos de censura de libros considerados inapropiados para niños y adolescentes, por traer preguntas que podrían vincularse a debates sobre género y sexualidad. Con respecto a los movimientos que considero conservadores y atrasados en términos de logros en el campo social y educativo, tomo el ejemplo del Proyecto Escuela sin Partido (ESP) como una de estas acciones que reciben apoyo de diversos sectores sociales y, entre otros temas, ya traen conmigo la prohibición de tales discusiones en espacios educativos. De las discusiones, entiendo que el movimiento #CrivellaCorreAqui y toda la producción de imágenes que lo involucró es emblemático al pensar en las reacciones de los internautas y cómo las redes digitales y la posibilidad de literacidades múltiples permiten la creación de las acciones más diversas en lugar de reaccionarias, lo que demuestra que no importa cuán censurados estén los temas, si no pueden entrar a las escuelas para discutir, entran por las ventanas o pantallas de nuestros teléfonos celulares.

PALABRAS CLAVE

Multiliteracidad; Censura literaria; Escuela sin Fiesta; Género y sexualidad; Memes y educación.

1 LEITURA “TARJA-PRETA”? PARA SITUAR A DISCUSSÃO...

Agora já não é possível texto sem contexto.
(FREIRE, 2011, p 19.)

Início estes escritos trazendo Freire (2011), sempre necessário para lembrar o quanto nossas ações e reações estão imbricadas em todo um contexto político que, além de debates partidários, envolve a forma pela qual nos posicionamos e agimos no mundo. As nossas leituras não escapam disso, pois há toda uma seleção sobre o que ler, o que deixar de lado... e o que criminalizar. Ou, para utilizar o caso narrado neste artigo, o que se libera ou no que se coloca uma capa ou “tarja-preta”, considerando que determinadas obras literárias são mais ou menos aceitáveis para determinados grupos. Cerceamento de leituras e de debates: eis o contexto em que nos inserimos.

O que tradicionalmente é considerada uma verdadeira festa da leitura e dos livros, ocorrida de dois em dois anos no Rio de Janeiro, acabou trazendo consigo, no ano de 2019, os reflexos de um clima de perseguição e autoritarismo que tem caracterizado a gestão do atual prefeito, Marcelo Crivella². Vinculado a bancadas evangélicas, ele tem adotado, desde sua eleição, medidas que reforçam vínculos estreitos que vêm se forjando entre atuação política e religião. E esses vínculos não são de hoje.

Exemplo disto foi o ocorrido em 30 de outubro de 2016, após a divulgação do resultado das eleições municipais da cidade do Rio de Janeiro, que dava a vitória ao bispo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) Marcelo Crivella. O pastor Silas Malafaia usou sua conta no Twitter e escreveu: “Cambada de esquerdotapas se ferraram, tomaram uma lavada histórica. Calados!”; “Crivella venceu a intolerância, preconceito, manipulação jornalística e o melhor, a esquerda comunista”; “Chora Capeta! Chora Freixo!”³.

Conforme indicam as pesquisas de Gracino Junior, Targino e Resende (2019), ao mesmo tempo que ele identifica um adversário tangível contra o qual lutar, universaliza e generaliza seus supostos adversários com declarações como: “Ajudei a derrubar todos os candidatos do Pso, PERDERAM TODAS! Pede o at gay [ativismo gay] para ajudar mais um pouco”⁴.

Com a divulgação de tais assertivas, Malafaia opera a simplificação de uma realidade complexa, criando uma macroidentidade “nós” cristã moralista e, no mesmo turno, um “eles”, vistos como demiurgos da desestabilização social, depositários das mazelas e medos que afligem boa parte da

2 Marcelo Bezerra Crivella é engenheiro, escritor religioso e político brasileiro, filiado ao Republicanos; ocupa o cargo de prefeito do Rio de Janeiro desde 1º de janeiro de 2017.

3 Disponível em: <https://twitter.com/pastormalafaia/status/792821805442555904>. Acesso em: 5 nov. 2019.

4 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/10/1827925-chora-capeta-diz-pastor-silas-malafaia-sobre-vitoria-de-crivella-no-rio.shtml>. Acesso em: 5 nov. 2019. (letras maiúsculas do trecho original).

sociedade em momentos de convulsão social, neste caso o “ativismo gay”, o Psol, os “petralhas”, as “feminazis”, ou simplesmente o mal, o “Capeta” (GRACINO JUNIOR; TARGINO; RESENDE, 2019).

Com isso, um terreno fértil para a proliferação e aceitação de tais discursos ganha ecos mais vultosos quando se percebe a nítida vinculação entre a religião e a política, com o crescente índice de candidatos vinculados explicitamente a religiões, sobretudo neopentecostais e ocupando cargos em diferentes esferas do governo.

O caso da Bienal de 2019 é apresentado como exemplar, em se tratando do quanto essas vinculações podem ser danosas, mas, por outro lado, profícuas para identificar o poder das redes sociais e dos dispositivos digitais em rede para produzir narrativas outras.

Poderia ser mais uma Bienal como tantas outras, mas essa edição foi marcada pela presença de um grupo de fiscais da Secretaria Municipal da Ordem Pública que percorreu, no início da tarde de 7 de setembro de 2019, os estandes do evento para recolher livros com temas que entendiam como ligados à homossexualidade.

Eram liderados pelo coronel Wolney Dias, ex-comandante da Polícia Militar e atual subsecretário de Operações da Secretaria. E estavam ali por determinação do prefeito Marcelo Crivella, que havia visitado o evento um dia antes e se escandalizou com o romance gráfico *Vingadores, a cruzada das crianças*, da Marvel. A obra contém a história do casal Wiccano e Hulkling e, em uma das páginas, dois personagens se beijam. A imagem circulou nas redes rapidamente:

Figura 1 – Beijo retratado em história em quadrinhos



Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/justica-do-rio-autoriza-recolhimento-de-livros-com-temas-lgbt-na-bienal/>. Acesso em: 5 nov. 2019.

O prefeito considerou a cena inapropriada e determinou que a obra fosse retirada das prateleiras, mas a organização recusou – mais tarde, a Justiça a proibiu. Os livros, no entanto, desapareceram em poucas horas. Assim que a polêmica ganhou as redes, todos os exemplares que estavam disponíveis foram comprados⁵. Como abordaremos mais adiante, as respostas criativas dos internautas deram outra tônica para o debate; por meio de *memes*, lançaram a *hashtag* #CrivellaCorreAqui⁶.

Vale destacar que o termo *meme* tem sido bastante utilizado na internet, principalmente nas redes sociais, referindo-se ao “fenômeno de viralizar (quando a informação espalha-se rapidamente)

entre os usuários, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música que se espalhe alcançando muita popularidade” (CARVALHO; SANTOS, 2019, p. 8).

Nesse contexto, busco analisar o papel dos internautas como potência crítica de oposição às ações de censura do prefeito e aos defensores de movimentos conservadores em relação à leitura e ao contexto social mais amplo. No que tange aos movimentos que considero conservadores e retrógrados em termos de conquistas no campo social e educacional, tomo o exemplo do Projeto EsP como uma dessas ações que recebem apoio de diversos setores sociais e, dentre outras pautas, são contra a discussão de questões de gênero e sexualidade nas escolas, algo que já considerávamos um ponto consensual, mas que tem sido paulatinamente criticado e até mesmo vetado (MATTOS; MAGALDI; COSTA; SILVA; PENNA; VELLOSO; LEONARDI; ALBERTI, 2017; MARAFON; SOUZA, 2018).

Como se discutir questões de gênero e sexualidade, seja nas salas de aula ou problematizando histórias em quadrinhos, fosse uma verdadeira ameaça a nossas crianças e jovens. Como se nossos silêncios, ao invés de omissão, fossem a atitude mais correta a tomar diante de um contexto social ainda tão preconceituoso e heteronormativo, que acaba excluindo e silenciando vozes, corpos e subjetividades.

Para organizar este artigo, tomando como caso empírico o ocorrido na Bienal de 2019 e suas repercussões, trago a discussão sobre multiletramentos e a importância de discutir as formas pelas quais nossas formas de ler o mundo e ressignificá-lo estão se alterando, em função do contexto da cibercultura (LÉVY, 1999; LEMOS; LÉVY, 2010) em que nos inserimos.

Com isso, é importante situar o contexto mais macro em que estamos, no qual movimentos como o EsP, já não é de hoje, ganham terreno na tentativa de cercear discussões como as de gênero e sexualidade, colocando Paulo Freire como um dos antagonistas educacionais justamente por entender que nossas ações são políticas e não podem ser revestidas por viés supostamente neutro.

O movimento #CrivellaCorreAqui e toda a produção imagética que o envolveu é emblemático quando se pensa justamente que os leitores não são passivos diante do que lhes chega e que nossas redes possibilitam criações as mais diversas acerca de ações reacionárias, comprovando que, por mais “delicados” que sejam os temas, se não puderem entrar nas escolas para ser discutidos, eles entram pela janela ou pelas telas de nossos celulares.

2 LEITURA E MULTILETRAMENTOS: PAPEL DOS *MEMESE* (RE)CRIAÇÕES POSSÍVEIS

As tecnologias digitais em rede promoveram profundas mudanças sociais na forma como o ser humano vem interagindo. Entretanto, a educação formal precisa ser questionada, pois muitas vezes desconsidera o potencial que os processos de ensino-aprendizagem mediados pelas mídias digitais poderiam proporcionar. De acordo com Lemos e Lévy (2010, p. 42), “um homem pré-histórico não teria podido imaginar o mundo contemporâneo, suas instituições, suas ciências e suas técnicas”. Os autores também comentam, não sem um teor de ironia, que, diante da “velocidade alcançada hoje pela evolução cultural, somos talvez os homens pré-históricos de nossos netos” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 42).

Em pleno século XXI, as relações de ensino e aprendizado parecem ainda nos apresentar certa ten-

dência de ignorar os diferentes ritmos do alunado, valorizando e exigindo muitas vezes respostas prontas e corretas em detrimento do processo e do percurso construídos pelos estudantes na produção do conhecimento. São jovens que leem e escrevem muito, mas de modos diversificados, sobretudo em função de aplicativos, redes sociais e toda a gama conectada aos dispositivos digitais e em rede.

As facilidades com as quais os sujeitos vêm interagindo e se comunicando na contemporaneidade a partir do uso das diferentes tecnologias digitais exigem que sejam repensados antigos processos de leitura e de escrita baseados na linearidade do texto impresso. Atualmente, novas formas de entrar em contato com as informações emergem em um contexto cultural nitidamente marcado pela presença do digital.

De acordo com Santos e Silva (2009, p. 270), o digital “confere aos interagentes a liberdade de manipular infinitamente os dados digitalizados, criando e recriando novas possibilidades de representação e de navegação”. Isso significa maior facilidade e dinamicidade na produção, no consumo e na troca de informações com sujeitos geograficamente dispersos.

Com o auxílio de autores como Martín-Barbero e Rey (2004), é válido analisar a mudança de protocolos de leitura, que acarreta um novo tipo de letramento propiciado pelo advento da cibercultura (LÉVY, 1999). As tecnologias então seriam responsáveis por (re)organizar as práticas sociais, acarretando uma série de consequências consideráveis para pensar a leitura e a escrita no âmbito pedagógico.

Desse modo, leitores e produtores de textos vão se modificando em função da cultura global, denominada por Lévy (1999) como cibercultura e responsável pela emergência dos ‘multi’ que envolvem a leitura e a produção escrita contemporânea (letramentos digitais).

A opção de trabalhar por vezes com o termo letramento ou alfabetismo, em lugar de alfabetização, no presente texto aconteceu principalmente por considerar que alfabetizado é aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, prática eminentemente escolar e restrita, não aquele que se apropriou das práticas sociais que demandam o uso da leitura e da escrita, que leva em conta os conhecimentos desenvolvidos pelos sujeitos, mesmo os não alfabetizados, nas suas práticas cotidianas, em sociedades letradas (SOARES, 2017).

Como discutido em textos como os de Velloso, Santos e Amaral (2019), o conceito de multiletramentos leva em conta práticas de letramento que envolvem múltiplas linguagens, semioses e mídias, bem como a pluralidade e a diversidade cultural.

Autores como Rojo (2013) e Cope e Kalantzis (2006) asseveram que educar na contemporaneidade exige adotar uma epistemologia e uma pedagogia do pluralismo, ou seja, um modo particular de apreender o mundo, no qual a diversidade local e a proximidade global ganham relevância numa perspectiva crítica. Esses multiletramentos, presentes nas redes de aprendizagem on-line, verbais ou não, são interativos e colaborativos, fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, principalmente aquelas de propriedade das máquinas, das ideias, dos textos e das ferramentas, sendo ainda convergentes, fronteiraços e mestiços de linguagens, modos, mídias e culturas, como afirmam Rojo e Moura (2012).

No contexto dos multiletramentos, circula nos espaços escolares e no contexto mais amplo da cibercultura a proliferação da criação de *memes*, entendidos, conforme já explicitado, como experiências de aprendizado que se configuram em linguagens específicas que transmitem mensagens sobre

situações cotidianas. Os *memes* recriam e reproduzem situações e elementos da cultura popular em tom cômico, satírico e crítico quebrando tabus e abrindo espaços de discussão e reflexão.

Com difusão largamente propiciada pelo digital em rede e criados na internet, configuram-se em elaborações com bricolagens de imagens, desenhos, filmes e propagandas. São aqui entendidos como aspectos da realidade imagética e trazem, com humor, elementos para a imaginação que recria e interpreta a realidade representada por ele (SANTOS; COLACIQUE; CARVALHO, 2016).

Nesse sentido, considero os *memes*, aqui em especial os que abordam temáticas associadas a gênero e sexualidade, como estratégias para encontrar brechas que perfuram um sistema que se supõe unilateral e avesso ao diálogo. É o cenário que apresento a seguir: o ato de ler como ameaça...

3 QUESTÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO "COM MORDAÇA"?

Alguns temas e atores têm sido vistos como verdadeira heresia pelos grupos e movimentos mais conservadores. Nessa seara, Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, que tem sofrido fortes ameaças em relação a esse posto, é um dos intelectuais mais criticados, justamente por buscar democratizar o acesso à leitura e por defender uma pedagogia que, embora situasse oprimidos e opressores, também via nas ações culturais práticas para a liberdade. Como fica notório, o termo liberdade acaba por ser empregado de modos bem distintos por idealizadores de projetos como o EsP.

O *site* do movimento Escola sem Partido reproduz artigo de Luis Lopes Diniz Filho, "Paulo Freire e a 'educação bancária', 'ideologizada'", publicado anteriormente a muitos dos projetos de lei, em 15 de fevereiro de 2013, e questionado em artigos como o de Costa e Velloso (2018). O texto de Diniz Filho, que é professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e colaborador do movimento EsP, apresenta sua análise das propostas de Paulo Freire nestes termos: "Ora, isso é apenas a dita 'educação bancária' camuflada de diálogo! O professor apresenta uma única via para explicar as situações relatadas pelos alunos: a ideologia em que ele acredita"⁷.

Como é possível analisar a seguir, a ideia de criar um verdadeiro pânico moral em torno dos materiais que chegam às escolas e às mãos de nossas crianças e jovens não é uma proposição atual, mas ganhou contornos mais incisivos com o discurso da propagação do que é denominado, equivocadamente, "ideologia de gênero" e a produção de materiais por parte dos governos de esquerda com propósitos que venham a ameaçar valores de determinada moral que as famílias estejam defendendo. Mas, afinal, que materiais são esses e como são valorizados pelos defensores do Projeto EsP?

Focalizo, entendendo as escolas como microcosmos sociais, as diferenças presentes nesses espaços, reconhecendo que elas são múltiplas, assim como também são múltiplos os discursos produzidos nesse ambiente acerca daqueles que rompem com os padrões normativos de gênero e sexualidade. Por essa razão, questionamos a tentativa de tornar ainda mais invisíveis os LGBTTS⁸ – já invisibiliza-

7 Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/paulo-freire-e-a-educacao-bancaria-ideologizada-1m9so-0wm12r2m2wau4ghfvedh>. Acesso em: 2 nov. 2019.

8 LGBTTS é o acrônimo de Lésbicas, Gays, Travestis, Transgêneros (o 's' se refere aos simpatizantes). Embora se refira apenas

dos em nossas escolas, nos currículos e nas práticas educacionais.

O viés conservador dos projetos de lei relacionados ao Esp tem tido como um de seus focos o debate sobre gênero e sexualidade nas escolas, tratado pelos partidários do movimento como o grande elemento antagônico (MARAFON; SOUZA, 2018). Na prática, pretende-se inviabilizar e mesmo criminalizar todas as iniciativas educativas propostas por docentes que abordem temas como desigualdade de gênero, combate ao preconceito, ao sexismo e à homofobia e à transfobia. Além disso, materiais didáticos e paradidáticos (o livro censurado na Bienal poderia ser um deles) com abordagem crítica e reflexiva desses temas são alvo de ataques pelos partidários do Movimento.

Seus defensores vêm afirmando que esse tipo de material e discussão tende a doutrinar estudantes, forçando-os a aceitar a suposta ideologia de gênero. Esta última expressão vem ganhando força nacional e internacionalmente para identificar, de maneira tendenciosa e conservadora, pesquisas, práticas e debates que problematizem as relações de poder hierárquicas ou de opressão entre os gêneros. Diversas notícias e imagens falsas foram largamente difundidas como pertencentes a esse suposto conjunto de materiais que estariam chegando às escolas, incluindo esta imagem:

Figura 2 – Imagem falsamente associada ao suposto “kit-gay”



Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/2018/08/kit-fb-1.png>. Acesso em: 5 nov. 2019.

Como bem analisado pela Agência Lupa⁹, a imagem não constava de qualquer tipo de material elaborado em 2011 para promover a não discriminação por orientação sexual nas escolas. Esse material foi elaborado por organizações do terceiro setor quando Fernando Haddad, então candidato a vice-presidente pelo PT, comandava o Ministério da Educação, mas nunca chegou a ser aprovado ou distribuído em escolas.

Integrando o programa federal Brasil Sem Homofobia¹⁰, que também previa a formação de educadores capazes de tratar questões relacionadas a gênero e sexualidade no ambiente escolar, o ma-

a seis, é utilizado para identificar todas as orientações sexuais minoritárias e manifestações de identidade de gênero divergentes do sexo designado no nascimento.

9 Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/08/30/verificamos-kit-gay/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

10 Fonte: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf. Acesso em: 4 nov. 2019.

terial consistia em um caderno direcionado aos gestores, seis boletins destinados aos estudantes, três peças audiovisuais e um cartaz. Contudo, após pressões de parlamentares, as produções foram vetadas e sequer chegaram às escolas.

Ao reconhecer o contexto pós-moderno de hibridismos (GARCÍA-CANCLINI, 2008) ou hibridização (BHABHA, 2011), no qual conceitos diversos são reconstruídos, reinventados, recontextualizados e rediscutidos, é importante que possamos considerar essas questões na construção epistemológica dos conhecimentos. Além de valorizar as/os alunas/os não heterossexuais que venceram a homofobia no cotidiano escolar, importa identificar as diferenças internas desses “diferentes” para não igualar o desigual.

Chantal Mouffe (2001) ajuda a perceber que reconhecer a existência de relações de poder e a necessidade de transformá-las enquanto renunciamos à ilusão de que poderíamos nos libertar totalmente do poder é o que é específico para o projeto da democracia radical e plural. Nesse sentido, cabe ressaltar que, no ambiente escolar, diferentemente do que querem induzir os ideais do EsP, não há preponderância de uma “ideologia de gênero”, muito menos uma equiparação dos poderes discursivos.

Ao contrário, são poucas as iniciativas de resistência ao pensamento hegemônico heteronormativo. Portanto, se fossem implementadas institucionalmente as ideias do EsP, o que haveria seria uma mordalha a impedir os poucos discursos de resistência em defesa dos sujeitos LGBTTS vitimizados.

A reflexão de Foucault (2009) sobre a docilização dos corpos, que vai sendo instaurada com o projeto da modernidade, parece apropriada para pensar o quanto os/as docentes vão sendo limitados/as em suas brechas, tentativas de criação e invenção, por conta de uma disciplinarização, tanto no que tange aos conteúdos propriamente ditos quanto no sentido da própria atitude do professorado diante dos/as alunos/as. Seria então uma espécie de panóptico inverso, no qual a coerção, a vigilância e o controle se dão mediante os olhares discentes, que precisam ser treinados para denunciar quaisquer tipos de comportamento docente que possam parecer de caráter doutrinador ou de assédio ideológico/moral.

Ao contrário do que deseja o EsP, torna-se necessário discutir cada vez mais quais seriam as formas de introduzir – por meio dos currículos ou das práticas cotidianas – os discursos anti-homofobia nos diferentes ambientes das escolas. Essa medida de resistência, se contar com o engajamento dos profissionais da Educação, pode se constituir em um instrumento de luta, uma vez que, ao colocá-los na arena de disputas ideológicas, eles contribuirão, em médio ou longo prazo, senão para erradicar, ao menos para reduzir as práticas homofóbicas.

4 PELA GARANTIA DA MULTIPLICIDADE DAS LEITURAS DE MUNDO: #CRIVELLACORREAQUI

Reconheço que o avanço de propostas conservadoras no campo da Educação parece prenunciar tempos difíceis. Lidamos com interferências das mais diversas no sentido de tentar fazer com que percamos conquistas e direitos já garantidos. Tais demandas conservadoras podem ser resumidas em projetos como a transferência da educação para a alçada única da família; o repúdio a um suposto viés ideológico de esquerda que permearia as escolas; e a oposição às discussões sobre diversidade cultural nas escolas e diferentes espaços de acesso ao conhecimento.

Os jogos de poder se mantêm, a política de coerções, sanções e punições ganha outros contornos e agora os corpos a serem docilizados são os dos/as docentes, que precisam se alinhar à Escola sem Partido, que não lhes possibilita expressões que possam ir além do que fora previamente definido.

Além das escolas, os outros tantos espaços formativos que fazem parte de nosso cotidiano também ensinam e são igualmente produtores de saberes e críticas sociais. No que se refere ao ocorrido na Bienal de 2019 e à censura aos livros, rapidamente as redes digitais fizeram seu papel de amplificar essas vozes críticas às demandas autoritárias. A *hashtag* #CrivellaCorreAqui foi desses exemplos.

No dia 8 de setembro de 2019, dia seguinte ao movimento de proibição, os internautas lotaram as redes de *memes* com colagens da imagem que o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, lutou para censurar na Bienal do Livro. O beijo entre os dois personagens masculinos da HQ *Vingadores, a cruzada das crianças* foi colocada em meio a cenários críticos da cidade, acompanhado da *hashtag* #CrivellaCorreAqui¹¹.

O objetivo foi chamar a atenção do prefeito para temas mais urgentes do que o recolhimento de obras LGBTTS na Bienal. Alguns exemplos desses *memes* remetiam a questões de saúde, segurança pública, educação, saneamento e habitação:

Figura 3 – “Alô, Marcelo Crivella, corre aqui no buraco da Av. Itaoca rapidão”



Fonte: <https://twitter.com/tievasconcelos/status/1170361763084345344>. Acesso em: 05 nov. 2019.

O sucesso das imagens foi tão grande que Tiê Vasconcelos¹², idealizadora dos *memes* do movimento #CrivellaCorreAqui e colunista no jornal *Voz das Comunidades* iniciou um movimento e criou uma página no Twitter¹³ e no Instagram só para concentrar suas produções e críticas satíricas ao que estávamos vivenciando, algo que foi ganhando cada vez mais repercussão. O *meme* foi *repostado* por políticos como Marcelo Freixo, também em sua conta no Twitter¹⁴ e por artistas como Vera Holtz.

11 Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/crivellacorreaqui-em-resposta-a-censura-internautas-expoem-situacoes-criticas-do-rio/>. Acesso em: 15 out. 2019

12 Disponível em: <https://twitter.com/tievasconcelos>. Acesso em: 4 nov. 2019.

13 Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/CrivellaCorreAqui?src=hash>. Acesso em: 6 nov. 2019.

14 Disponível em: <https://twitter.com/MarceloFreixo/status/1170460755390619652>. Acesso em: 6 nov. 2019.

Figura 4 – “Vai que é tua, Crivella”

Fonte: <https://twitter.com/veraholtzirreal/status/1170489032863899649>. Acesso em: 5 nov. 2019.

Percebo, reforçando a ideia da leitura e dos multiletramentos como estratégias políticas e de resistência, que os *memes* produzidos após o episódio de censura durante a Bienal de 2019 se constituíram como potentes estratégias contemporâneas de subversão e resistência às normas que regulam/governam corpos, gêneros e sexualidades, concordando com o que discutem Couto Junior, Pocahy e Carvalho (2019, p. 17). Para esses autores, o ciberespaço possibilita que “uma quantidade significativa de usuárias/os hoje possa (co)criar, ‘curtir’ e compartilhar amplamente informações dos mais variados tipos (imagens, vídeos, sons etc.) para outras pessoas geograficamente dispersas”.

Afirmo a necessidade de pensarmos coletivamente as práticas de ensino que contemplem a diferença, colaborando assim para a ruptura do silenciamento das questões de gênero e sexualidade ainda muito presentes no ambiente escolar e no contexto social mais amplo, mas que causam verdadeiro caos quando exibidas em uma simples revista em quadrinhos.

Entretanto, tendo a seguir, na esteira de Freire, a ideia de esperança, exemplificada nas críticas criativas oriundas dos *memes* que repudiaram a ação do prefeito para delimitar o que podia ou não ler. Daí cada livro colocado no “index” das proibições do governo e que era revendido por meios outros me trouxe a crença de que nossas redes são maiores do que podemos perceber e que cada livro adquirido e cada *meme* produzido só contribuem para pensarmos nossas ações e produções como políticas de resistência aos microfascismos que nos circundam. Assim pretendemos seguir... entre multiletramentos, para cada censura, um #CorreAqui.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CARVALHO, Felipe; SANTOS, Edméa Oliveira. Memetizando: experimentações cotidianas em tempos de cibercultura. **Revista Periferia**, v. 11, n. 2, p. 7-16, 2019.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (Org.). **Multiliteracies**: literacy learning and the design of social futures. New York: Routledge, 2006.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Revista Periferia**, v. 11, n. 2, p. 17-38, 2019.

COSTA, Carina Martins; VELLOSO, Luciana. "É que Narciso acha feio o que não é espelho": o ensinar e o aprender pela ótica do Escola sem Partido. *In*: PENNA, Fernando; QUEIROZ, Felipe; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação democrática**: antídoto ao Escola sem Partido. Rio de Janeiro: UERJ/LPP, 2018. p. 131-151.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: EdUSP, 2008.

GRACINO JUNIOR, Paulo; TARGINO, Janine; REZENDE, Gabriel Silva. Religiões públicas e demandas por reconhecimento: reflexões a partir dos dados da pesquisa com jovens participantes de movimentos religiosos de massa na cidade do Rio de Janeiro. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 122-151, 2019.

LE MOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARAFON, Giovana; SOUZA, Marina Castro. Como o "discurso" da "ideologia de gênero" ameaça o caráter antidemocrático e plural da escola? *In*: PENNA, Fernando; QUEIROZ, Felipe; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação democrática**: antídoto ao Escola sem Partido. Rio de Janeiro: UERJ/LPP, 2018. p. 75-88

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção

televisiva. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

MATTOS, Amana; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; COSTA, Carina Martins; SILVA, Conceição Firmina Seixas; PENNA, Fernando de Araujo; VELLOSO, Luciana; LEONARDI, Paula; ALBERTI, Verena. Educação e liberdade: apontamentos para um bom combate ao projeto de lei Escola sem Partido. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola "sem" Partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ/LPP, 2017. p. 87-104.

MOUFFE, Chantal. Identidade democrática e política pluralista. *In*: MENDES, Candido; SOARES, Luiz Eduardo. **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 410-430.

ROJO, Roxane (Org.). **Escola @conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, Edméa Oliveira; COLACIQUE, Rachel; CARVALHO, Felipe. A autoria visual na internet: o que dizem os memes? **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, v. 18, n. 1, p. 135-157, 13 jul. 2016.

SANTOS, Edméa Oliveira; SILVA, Marco. O desenho didático interativo na educação *online*. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 49, p. 267-287, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

VELLOSO, Luciana; SANTOS, Rosemary; AMARAL, Mirian. Booktube: uma proposição para a produção de conhecimentos na cibercultura com o uso de webquest interativa. *In*: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org.). **O livro na cibercultura** [e-book]. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2019. p.239-256.

Recebido em: 30 de Março de 2018

Avaliado em: 5 de Maio de 2018

Aceito em: 10 de Agosto de 2018



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Como citar este artigo:

ROMEO, Andrea. Lo special account del fenomeno religioso nel dibattito nordamericano. *Argumenta Journal Law*, Jacarezinho – PR, Brasil, n. 29., 2018, p. 15-48.
DOI: 10.17564/2316-3828.2018v7n1p13-24



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhual CC BY-SA

1 Doutora e mestre pelo ProPEd/UERJ, graduada em Pedagogia (UERJ), História (UERJ) e Ciências Sociais (FGV). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/ UERJ) e da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Departamento de Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Educação da UERJ.